

LABATE, Beatriz Caiuby. 2004. *A Reinvenção do Uso da Ayahuasca nos Centros Urbanos*. Campinas: Mercado das Letras. 535 pp.

Marcelo S. Mercante
Saybrook Graduate School
and Research Center

Baseado na dissertação de mestrado da autora (defendida na Unicamp), ganhadora do prêmio de melhor dissertação em Ciências Sociais da Anpocs em 2000, o livro é resultado de uma “jornada pessoal de seis anos” (p. 28): Labate se “farda” no Santo Daime em 1997, um ano e meio após ter bebido ayahuasca pela primeira vez. Assim, a discussão sobre a categoria de “antropóloga nativa” abre o livro. Aproximar-se da ayahuasca, ainda que “apenas” academicamente, é um processo delicado: há sempre o risco de o pesquisador deixar de ser um observador-participante, tornando-se um experienciador-observante.

Beatriz Labate opta por uma “abordagem objetiva e distanciada” (p. 33), visando tornar o processo de objetivação um ato de controle, para deixar o mais claro possível a posição do autor na produção do texto. Trata-se de uma postura ética em relação ao fazer antropológico, evidenciando-se a posição singular e delicada de antropólogo.

Labate assume que no caso das religiões ayahuasqueiras seria interessante, para uma melhor compreensão do grupo estudado, participar das cerimônias integralmente ou mesmo tornar-se membro do grupo, adotando uma atitude de “desdiferenciação”, mas nunca de identificação, levando a “técnica da observação participante a um ponto em que ela se desmonta” (p. 50).

Ela explora a idéia de “rede urbana de consumo da ayahuasca” (p. 31) na cidade de São Paulo e arredores. Tal rede inclui contextos variados (grupos de teatro, meditações Osho, recuperação de moradores de rua, músicos, terapias corporais, consultórios, vivências, terapias coletivas, dentro do candomblé, com florais, neoxamanismo no Santo Daime, outras plantas alteradoras da consciência): as “novas modalidades de consumo da ayahuasca nos centros urbanos” (p. 31). Tendo em vista que examinar detalhadamente todos estes contextos seria impossível, a autora centra seu relato na etnografia do grupo “Caminho do Coração”, onde diversas modalidades terapêuticas estão aliadas à ayahuasca. Na última terça parte do livro os demais modos de utilização desta bebida são evidenciados, ainda que superficialmente.

Tal rede estaria inserida no “campo ayahuasqueiro brasileiro”, onde Labate inclui as maiores linhas religiosas da ayahuasca, a Barquinha, o Santo Daime e a

União do Vegetal. A rede buscaria apoio e legitimidade no “campo”: os “neo-ayahuasqueiros” urbanos tentariam manter relações próximas com alguma(s) das origens para manterem-se “conectados” à(s) fonte(s), tanto do chá em si quanto dos poderes espirituais de tais religiões. Labate posiciona ainda a rede ayahuasqueira em relação a outras redes urbanas, particularmente as do universo “Nova Era”, evidenciando as linhas relacionais que unem esferas distintas que se complementaríamos através da ayahuasca.

Para Labate a Nova Era estaria fortemente vinculada à modernidade, com uma religiosidade voltada para a subjetividade, para uma fusão de símbolos e ensinamentos de diversas religiões em um Todo sincrético e sincretizante. A Nova Era apresentaria um movimento ambíguo: enquanto se expande rumo a este Todo onde idéias opostas se encontram lado a lado, ela também promoveria um auto-centramento na imagem de um indivíduo que migra pelo interior deste Todo. Um dos motes deste movimento é o auto-conhecimento, aliado ao auto-aperfeiçoamento e ao auto-desenvolvimento, gerando uma tendência para o desenvolvimento de uma espiritualidade terapêutica. Essa idéia permeia todo o livro daí por diante: os limites e deslimites entre religião, espiritualidade e terapia.

Espiritualidade e terapia seriam esferas distintas mas interligadas, uma podendo levar à outra. Através dos rituais realizados no Caminho do Coração a espiritualidade ayahuasqueira seria trazida para dentro do processo terapêutico. Por outro lado, a terapia facilitaria o acesso à espiritualidade. A terapia seria auto-centrada: um processo individualizante e reflexivo de auto-conhecimento/busca, tendo a espiritualidade uma tendência coletivizante. Tais limites não seriam estanques, e Labate expõe os detalhes desta maleável fronteira.

Uma incessante oferta de bens e produtos caracterizaria, segundo Labate, a modernidade, gerando uma “dúvida radical”. A meu ver, a tentativa de solução desta dúvida viria através do poder da tecnologia. As terapias na Nova Era estariam baseadas em tecnologias espirituais: técnicas de respiração, visualização, meditação; ferramentas terapêuticas no processo de auto-conhecimento, destacando o indivíduo do todo. Mas a técnica seria também o fruto do olhar analítico que separa processos em suas partes constituintes, viabilizando que tais partes possam ser reinseridas (e re-significadas) em novos contextos. Os pedaços são separados do todo para que possam ser reutilizados.

Por contraponto, devido às propriedades coletivizantes da espiritualidade, tais tecnologias espirituais permitiriam que as diversas partes (os bens, os produtos, as técnicas, os indivíduos e seus selves, anima/animus, Id, egos, eu, outro, e outros tantos pedaços) sejam reagrupadas. A aproximação de terapia e espiritualidade assume um caráter de complementariedade: o que a técnica separa, o espírito reúne.

Labate segue apontando que os hinos, centrais aos rituais daimistas, foram até hoje pouquíssimo explorados. A autora faz um estudo cauteloso, uma vez que ela admite trabalhar com metade do problema apenas: falta efetuar uma análise musical dos mesmos. A autora elabora uma detalhada exegese de diversos hinos do Caminho do Coração. Ao mesmo tempo, relaciona diversas experiências que os hinos evocariam na consciência dos participantes. Na página 238 (itálicos meus), Labate diz: “A eficácia do papel desempenhado pelos hinos durante a realização dos trabalhos espirituais reside também na *capacidade que estes possuem de evocar musicalmente... esta unidade dos sentidos experienciada sensorialmente*”. E mais adiante, na página 247: “Alguns hinos *veiculam uma mensagem* que explicita mais diretamente o pertencimento ao grupo religioso, sua coesão, sua centralidade como produtora

de sentido... o pertencimento certamente é reconfortante, cria solidariedades, laços, enfim, possibilidade de sucesso na experiência".

O suporte etnográfico para tais afirmações não é claro. Labate pouco explora a experiência dos participantes comuns dos rituais, daqueles que não ocupam posição destacada no grupo. Estaria a análise da autora baseada na sua própria percepção dos efeitos dos hinos? Tendo em vista toda a discussão inicial sobre o papel dela como autora, pesquisadora e "fiel", isto não seria problema algum. Mas se este foi o caso, isto não é evidente para o leitor.

O livro explora ainda um ponto coberto de tabus: a comercialização da ayahuasca. O ponto questionado por Labate é que haveria uma mercantilização do sagrado, mas o sagrado invadindo a esfera do comércio, pois se buscaria apenas "cobrir os custos", e não o lucro.

Labate aborda os processos de legitimação dos "neo-ayahuasqueiros", voltando-se para uma análise das próprias religiões ayahuasqueiras tradicionais, evidenciando que tanto a apropriação da bebida nos centros urbanos quanto a "reinvenção" do seu uso estariam seguindo um padrão que é encontrado dentro dessas religiões. O surgimento dos "neo-ayahuasqueiros" resultaria da inserção das religiões nas grandes metrópoles, e estas mesmas religiões surgiriam sob influência deste ambiente urbano, assumindo um conjunto de peculiaridades próprias que as diferenciariam de suas matrizes. Mais do que as aparentes quebras gerando novas tradições, o que teríamos é a ramificação da ayahuasca no Brasil. Os conflitos não seriam suficientes para que rompimentos ocorressem, pois uma ligação, mesmo remota, com as origens tradicionais da ayahuasca, é parte deste processo de legitimação. Novos usos se encaixariam nos antigos, de acordo com a matriz cultural em questão.

Retomando a discussão tecnológica, a tecnologia espiritual surgiria do olhar de um observador externo ao processo religioso observado. Durante o campo que realizei na Barquinha da Madrinha Francisca Gabriel ficou evidente para mim que não se realiza o bailado, por exemplo, com uma intenção em mente, mas sim porque o bailado faz parte do ritual como um todo. Para o fiel o ritual é completo, não havendo sentido em realizar suas partes isoladamente.

Os iniciadores dos ritos urbanos com ayahuasca seriam elementos exógenos às religiões, pois em geral eles não pertenceriam ao universo cultural de onde as religiões emergem. Haveria uma tendência destes iniciadores perceberem as várias partes que compõem este todo ritualístico exatamente como partes de uma continuidade. Desta forma, a reinvenção do uso da ayahuasca nos centros urbanos seria algo inevitável.

Como coloca Labate, *elementos* oriundos de fontes variadas são reutilizados pelas diversas modalidades de consumo da ayahuasca em centros urbanos. Mas Labate acaba indo mais longe, introduzindo na parte final do livro um contraponto: a perspectiva dos que entendem que apenas a utilização indígena é tradicional. Para os que partilham desta visão, todos os que utilizam a ayahuasca no Brasil seriam "neo-ayahuasqueiros".

A discussão acaba por girar em torno de temas como modernidade e tradição, espiritualidade e terapias, individualização e coletivização. Labate coloca perguntas importantes e levanta dados essenciais para aprofundar tal discussão, como por exemplo as relações entre as representações do tradicional e do moderno dentro do universo do uso não só da ayahuasca, mas de psicoativos em geral.

Marcelo S. Mercante é mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina e doutorando em Estudos da Consciência no Saybrook Graduate School and Research Center (San Francisco, California).